

## Resenhas



### Gattai, Zélia. Códigos de família. São Paulo: Record, 2001. 188 p.

Por Edvaldo Correa Sotana



A escritora Zélia Gattai possui certa experiência na prática de escrever livros memorialistas. Ela já relembrou sua origem, infância e os primeiros anos do Estado Novo, em *Anarquistas, Graças a Deus* (1979). Em *Um chapéu para viagem* (1982), ela recordou-se dos últimos anos da ditadura varguista e dos primeiros contatos com Jorge Amado. Resgatou, ainda, o período que o casal precisou se exilar por causa da repressão existente no período do governo Dutra e das situações vividas na Europa em *Senhora dona do baile* (1984). Já, em *Jardim de inverno* (1984), se refere aos momentos derradeiros do exílio e ao retorno do casal ao Brasil. Nessas obras, a autora se preocupa em rememorar a situação política do país, o prestígio de seu marido como escritor, a militância política de Jorge Amado no Partido Comunista do Brasil (PCB), assim como as redes de sociabilidade

que eles construíram com os intelectuais estrangeiros por conta do exílio e da luta pela paz – campanha organizada pelos comunistas após a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, os quatro livros informam muito pouco sobre a sua vida familiar. Esse é, justamente, o eixo central do seu *Códigos de família* (2001).

Além de tratar do ambiente familiar, pode-se salientar que o conjunto do texto foi escrito em família. Paloma Jorge Amado redigiu o prefácio, Zélia Gattai o livro e João Jorge Amado o posfácio. Os três afirmam que Jorge Amado, a quem o livro é dedicado “com nossa saudade” (p.7), contribuiu com a autoria e a inspiração para grande parte dos códigos.

De acordo com Paloma Jorge Amado, a idéia de redigi-lo nasceu quando o seu pai já estava doente. Nesse período de angústia, percebeu que sua mãe não saía do lado do marido e permanecia em casa todo o tempo.

Paloma Amado recorda, ainda, que, para ocupar o seu tempo e não cair em depressão, Zélia Gattai, escreveu e publicou *Città di Roma* e *Jonas e a sereia*. Assim, enquanto sua mãe redigia, “o computador era seu oásis”, pois “escrever permitia que tirasse a cabeça de tanta tristeza” (p.8). Lembrou-se, no entanto, que após Zélia Gattai terminar de escrever os dois livros, suas idéias e a inspiração acabaram. Nesse momento, Paloma rememorou que havia alguns anos que colecionava alguns códigos familiares. Prontamente a filha observadora propôs a seu irmão, João Jorge, a organização de uma lista com os códigos e quando ouviu pela “enésima” vez a resposta “não tenho mais o que escrever”, lembrou-se da lista, imprimiu-a e entregou para sua mãe. Recordar-se, porém, que observou toda dificuldade que sua mãe enfrentou para começar; “mas, depois de contar uns dois ou três códigos, ela tomou gosto e foi em frente

com prazer” (p. 8-9).

Esses códigos de família são os ditos, algumas palavras, frases, expressões ou gestos usados nas mais diversas situações pela família Amado. Em suma, os códigos eram utilizados para representar simbolicamente uma determinada situação. Contudo, eles não eram utilizados aleatoriamente, pois uma espécie de ritual deveria ser seguido, ou como rememora Zélia Gattai: “*Os códigos que usamos aqui em casa – João Jorge, eu e também Jorge – são antigos e recentes. Antigos ou recentes, cada qual tem sua história de origem, às vezes curta, às vezes longa, e cada um de nós é dono da sua e do seu código, o que não impede de serem usados por todos, indiscriminadamente. Há, no entanto, uma particularidade: se esses ditos não forem pronunciados com os devidos sotaques de berço, perdem a graça, não causam o menor efeito*” (p. 13).

Afora as ressalvas sobre como os códigos deveriam ser utilizados, a escritora procura explicar como eles surgiram. Assim, afirma que eles surgiram em diferentes situações: do seu início como escritora, de passagens de sua infância, das gírias aprendidas na Bahia, da militância comunista de Jorge Amado, das viagens ao exterior, de piadas, da leitura de livros e, sobretudo, de conversas entre os membros da família e da sociabilidade sua e de Jorge Amado com alguns escritores.

Entretanto, nem todos os códigos que foram utilizados pela família Amado figuram nas páginas do livro. De acordo com Paloma Jorge Amado: “*Nem todos os códigos da lista estão no livro; os que faltaram, na sua grande maioria, não têm por trás de si uma história, às vezes um pequeno fato já deixava sua marca nos Gattai Amado. Outros não entraram porque o dono não gosta*” (p. 8). João Jorge Amado também salienta, no posfácio da obra, que “*Muitos códigos não estão aqui ou por esquecimento, ou por não serem apenas familiares, mas de uso geral*” (p. 187). O leitor consegue ter uma dimensão maior da atitude exclusiva quando a própria Paloma Amado registra, no prefácio, alguns códigos que não foram utilizados por Zélia Gattai na redação do texto.

Essa ausência de alguns códigos

ocorreu pelos mais variados motivos. Isso permite ressaltar que a memória foi utilizada para a reconstrução do passado e não apenas para sua conservação. Apesar do livro ter sido produzido a partir das lembranças, com a utilização da memória, mecanismo que, para o senso comum, diz respeito apenas ao registro e retenção de informações, deve-se compreender que sua elaboração se deu no presente. Portanto, a memória não atua apenas na conservação, mas também na reconstrução do passado a partir do olhar<sup>1</sup>, dos valores e dos ideais do sujeito que viveu aquele passado. Assim, essa reconstrução pode estar relacionada com uma idéia de identidade familiar que Zélia Gattai deseja apresentar aos seus leitores; uma identidade por ela delimitada e produzida. Dessa forma, as memórias da escritora levam o leitor a perceber a idéia de uma família unida, descontraída e alegre, que cria códigos comuns para serem utilizados nas mais diversas situações cotidianas.

O livro também apresenta aspectos de um Jorge Amado pouco conhecido do público, algo que destoa da imagem do escritor reconhecido ou das referências às atividades de militância comunista que exerceu em um período de sua vida. Os códigos de família apresentam um Jorge Amado no âmbito estritamente privado, no seio familiar ou em meio a seus amigos, sem evidenciar a imagem do renomado escritor em detrimento dos outros personagens familiares. Atividades políticas ou culturais não foram requisitos utilizados para construir o enredo do livro, pois o texto é produzido unicamente em torno dos chamados códigos familiares. Mesmo assim, os costumes e as formas de sociabilidade, as práticas cotidianas e as representações simbólicas estão presentes nas páginas da obra.

Dentre as poucas situações em que Jorge Amado é apresentado como escritor, duas parecem bastante significativas das influências que ele recebeu. Em uma passagem, Zélia Gattai afirma que, de dona Eulália Leal Amado, “*o filho Jorge herdou as qualidades de contador de histórias*” (p. 23); na outra, faz referências

às inúmeras viagens que eles realizaram, ou como relembra: “*Viajantes inveterados, Jorge e eu temos corrido o mundo. Algumas vezes na companhia de amigos, muitas vezes com nossos filhos, outras vezes sós, (...)*” (p. 73). Assim, pode-se evidenciar que essa prática de viajar contribuiu sobremaneira no desenvolvimento da imaginação de ambos e, conseqüentemente, auxiliou no ato de produzir literatura.

Enfim, a partir da leitura do livro parece pertinente discutir até onde é possível conhecer o âmbito privado de uma família, já que a narrativa construída para explicar o surgimento e a forma correta da utilização dos códigos deve ser entendida mais como uma tentativa de reconstruir o passado, por meio da utilização da memória, do que como um gesto de conservar integralmente as experiências familiares. Com certeza, somente esse motivo seria suficiente para a leitura do livro. Porém, a escrita leve e alegre de Zélia Gattai – algo que a configura como escritora para leitores pouco ilustrados e não apenas para os pequenos círculos de escritores e estudiosos de sua obra – transforma os códigos de família em assunto extremamente interessante. Por último, deve-se ressaltar que o leitor perceberá que o livro difere dos outros porque a autora não segue uma lógica linear ao reconstruir suas memórias. Suas lembranças são registradas aleatoriamente, sem nenhuma preocupação com qualquer tipo de encadeamento – prática que torna o livro extremamente natural.



\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual Paulista, FCL/Assis.

## Notas

<sup>1</sup> Discussão efetuada com maior propriedade por PANDOLFI, Dulce Chaves. *Camaradas e companheiros: memória e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1995, p.15.